

AÇÃO COMUM

Rio de Janeiro, março 1981 — ano 3 n° 16
novo mobral • ação comum • ação comunitária • novo mobral • ação comum • ação comunitária

Anguera: hoje, outra cidade



Como diz o senhor
Crispiano Pereira
Santana:
"a gente, unido,
consegue ir
pra frente!"
veja na página 6

Em Gulandin a ordem é trabalhar

veja na página 3



De agricultor a professor

veja na pág. 2

MOBRAL no V Congresso Internacional de Odontologia

pág. 12

Soares Moreno volta ao Ceará

Após mais de trezentos anos,
o princípio da história do Ceará
foi revivido nos seus mínimos detalhes
num extraordinário trabalho de mobilização
veja na página 5



A PALAVRA DO PRESIDENTE

Uma das características importantes da ação comunitária desenvolvida pelo MOBRAL é que ela propicia não só a união das pessoas, mas também a integração das entidades, em favor do bem comum.

Nas reuniões dos grupos comunitários, às quais comparecem os representantes das entidades que atuam ao nível local, surgem a integração e coordenação entre as várias instituições, com as inúmeras vantagens daí decorrentes. A partir desse entrosamento não há mais duplicações de esforços, são preenchidas as lacunas de atuação, uns ajudam aos outros. Conclusão: com os mesmos recursos obtêm-se maiores e melhores resultados em benefício da comunidade.

Por isso, o agente de ação comunitária do MOBRAL deve procurar congregar o maior número possível de instituições em seus projetos, pois a comunidade será a grande beneficiada pela coordenação das entidades. E estas lucrarão: terão resultados mais apreciáveis e atenderão às reais necessidades do povo.

Ação comunitária é assim: conseguir mais, com as mesmas verbas, através da união de todos. Ação comum pelo bem comum.

Arlindo Lopes Corrêa

Agricultor forma-se Professor

José Corrêa da Silva, agricultor, 35 anos, casado, era analfabeto e, graças ao MOBRAL, tornou-se professor.

Tem-se aí mais uma demonstração da força de vontade de um homem simples; isto o transformou em modelo para toda a comunidade de Brasília (AC), onde vive.

José foi aluno de sua própria mulher, Zeli da Silva. Uma vez alfabetizado, ele fez o supletivo, chegando a formar-se na escola normal. E hoje ensina aos que desejam aprender, para quem o melhor estímulo é o próprio professor.

Na solenidade de formatura da turma de José Corrêa, disse, emocionada, a Secretária Estadual de Educação e Cultura — Profa. Iris Célia Cabanellas Zanini: "este é mais um dos inúmeros que encontraram no MOBRAL incentivo para elevação educacional e cultural que enaltece o homem".



Um casamento diferente



No maior acontecimento público e social do município, 164 casais subiram ao altar da matriz de Lajedão (825 quilômetros de Salvador), no fim do ano passado, para a cerimônia do casamento comunitário, promovida pela Comissão Municipal do MOBRAL, com apoio da Prefeitura e Legião Brasileira de Assistência.

Com a emoção que normalmente domina as noivas e o atraso já esperado de alguns noivos, tudo foi festa na cidade e não houve uma pessoa que não se deslocasse de

suas casas ou trabalho a fim de assistir à cerimônia. O ato teve caráter civil e religioso.

O momento mais emocionante aconteceu com o "sim" coletivo de ambas as partes. As grinaldas foram confeccionadas pela Encarregada de Supervisão Global, dona Alda, que num trabalho de várias noites, contribuiu para tornar o casamento uma festa ainda mais bonita.

Dos 164 casais, 50 por cento são alfabetizadores, ex-alfabetizadores ou alunos do MOBRAL.

José Benedito de Souza, Presidente da Comissão Municipal de Aparecida, São Paulo, recebeu do Arcebispo de Aparecida a carta que, pela sua importância, transcrevemos abaixo:

Salve Maria!

Sejam estas linhas de paterna bênção ao seu trabalho cristão em benefício dos necessitados da luz da alfabetização e dos benefícios da profissionalização. Nosso Senhor Jesus Cristo, sempre atendeu àqueles que dele necessitavam. O MOBRAL, no seu grande sentido humanístico é, pois, uma expressão do verdadeiro cristianismo, já que o amor de Deus não consiste em lamúrias, nem naquela suavidade e ternura que habitualmente desejamos só porque nos consolam, e sim em servir a Deus em justiça, fortaleza de alma e humildade. O MOBRAL, procurando elevar o ser humano, se aproxima do Todo Poderoso. Que Nossa Senhora Aparecida, Mãe de Deus, Nossa Rainha e Padroeira do Brasil acompanhe sempre os trabalhos do MOBRAL.

Em 8 de dezembro, dia da Imaculada Conceição

(as) Frei Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta
Arcebispo de Aparecida

A inauguração do Posto Comunitário de Paraisópolis (MG) contou com a entusiástica participação de João Lopes de Paiva, poeta local, secretário particular do Prefeito João de Paula Cabral e muito envolvido com todo o trabalho do MOBRAL naquele município.

João Lopes de Paiva preparou um poema, especialmente para a ocasião.

E o Ação Comum o transcreve aqui para todos os seus leitores:

*"As letras dançavam ante meus olhos
A Sarabanda incompreensiva
transmitindo o pensamento que eu não captava
Era mero apreciador das lendas que o livro segredava
Como o mundo seguindo o dedilhar das teclas insonoras.
Eu não sabia ler!
Mas neste século de luzes
as hostes aguerridas do saber
Tomaram de assalto
a mente dos simples e humildes.
E em cada vila,
em cada choça,
em cada rincão mais distanciado,
em cada sala oferecida
surgiu a silhueta
da professorinha do MOBRAL
fazendo a nossa mão enrijecida
subir e descer
as encostas ocultas do papel
afiorando o nome do aluno sedento de aprender
ante a surpresa do novo brasileiro!
Oh que vontade imensa de sair gritando
O insondável mistério da conquista!
JÁ SEI BOTAR MEU NOME NO PAPEL!
EU JÁ SEI LER!"*

O jornal Ação Comum está sendo distribuído pela firma Distribuidora Irmãos Reis Ltda.

No caso de qualquer irregularidade no recebimento solicitamos comunicar à redação, rua Voluntários da Pátria, nº 53 — Botafogo — CEP 22270 — R.J.

E se você está interessado em receber o "AÇÃO COMUM", mande-nos o seu nome e endereço completo, que mensalmente ele estará em sua casa.

**ACAO
COMUM**

Editado pela
Gerência de Comunicação Social —
GECOM, do Movimento Brasileiro de
Alfabetização — MOBRAL, Rua Voluntários da Pátria, 53 — Botafogo — Rio de Janeiro — CEP 22.270.

PRESIDENTE
Arlindo Lopes Corrêa
SECRETÁRIO EXECUTIVO
Marília Santos da Franca Vellozo
SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO
Rosa Maria Teixeira Basto O'Shea

Jornalista Responsável:
Mauro Júlio Amorim
— registro profissional nº 31 (SC)
Tiragem desta edição: 150.000 exemplares



Em Gulandin a ordem é trabalhar

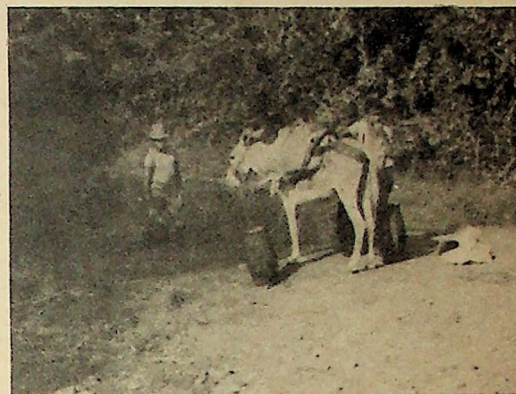
A pequena e pobre comunidade de Gulandin pertence ao Município de Limoeiro de Anadia, em Alagoas, e fica a aproximadamente sete quilômetros da sede. Localizada em terreno acidentado e de difícil acesso, conta com cerca de sessenta casas dispersas pela área, quase todas de taipa, alvenaria e cobertas de telha. No verão o sol é causticante e a vegetação quase morre.

A localidade não é servida de água. Para o consumo de animais e para a lavagem de roupa há um açude próximo — mais ou menos a 400 metros; e para beber, há uma fonte natural a um quilômetro e meio, de onde ela é trazida através de carros de bois e de pipas transportadas por jumentos.

Energia elétrica também não existe em Gulandin. Lâmpioes e lamparinas de querosene proporcionam a precária iluminação, e

localidade mais próxima e um pouco mais desenvolvida, tomou a iniciativa de realizar um completo levantamento das necessidades básicas. Em conjunto com os Supervisores do MOBRAL foram efetuadas as primeiras reuniões, onde foi constatada a receptividade dos habitantes. Alfabetizadores e ex-monitores do Programa de Educação para a Saúde integraram-se imediatamente ao movimento e a lista das necessidades básicas — água, fossas, iluminação, farmácia comunitária e uma capela — começou a deixar o papel e deu os primeiros passos para sua concretização.

No primeiro momento, e paralelamente às providências iniciais, foram realizados cursos de nutrição, higiene do lar e corporal, além de cuidados com a água. À medida em que a comunidade ia sendo atingida e se



Uma capela foi a necessidade seguinte. A comunidade queria sua construção, apegada como é às tradições religiosas. Após várias reuniões o terreno foi, enfim, conquistado, através de uma doação do senhor Artenio de França, um dos membros do grupo de trabalho. Toda a comunidade foi, então, novamente mobilizada. Nos sítios vizinhos, onde igualmente não havia capela, as pessoas também contribuíram com animais para leilão e pequenas quantias em dinheiro. Os tijolos foram fabricados também por mulheres e crianças. A madeira foi doada pelo Prefeito Benício Ferreira Reis, extraída de suas próprias terras, não sendo assim necessário recorrer a verbas da Prefeitura. Paralelamente, estão sendo realizados cursos através do PETRA — (Programa de Educação Comunitária para o Trabalho), especialmente visando à formação de pedreiros, cujos conhecimentos são imediatamente utilizados na construção.

Tão logo estava concluído o alicerce, a comunidade pediu que o vigário abençoasse o local, o que foi realizado de maneira festiva para o povoado.

O sítio Gulandin vai, dessa maneira, conquistando palmo a palmo melhores condições, através de um trabalho conjunto de todos os seus moradores, que resolveram botar mãos à obra, ao invés de esperar que as possíveis soluções dos vários problemas viessem ao seu encontro. A continuar assim — que ninguém duvide — muito em breve teremos novas notícias. Novas e boas.



o rádio de pilha se constitui na única fonte de lazer e de contato com o mundo cá fora.

A farinha de mandioca, que já foi o principal produto local, hoje está em terceiro lugar, precedida pelo fumo e pela cana-de-açúcar. Ainda assim, a população de Gulandin vive basicamente do cultivo da mandioca, plantada por homens, mulheres e crianças, durante todo o ano, de maneira bastante rudimentar. Um grupo escolar, que serve ao sítio e redondezas é, também, a única ligação da comunidade com qualquer espécie de ensino formal.

Jovens tomam posição

Nascido espontaneamente — e diante da situação em que se encontrava o povoado — um grupo de jovens de Terra Nova, a

envolvia no trabalho, aumentavam as exigências como, por exemplo, a aquisição de filtros. Os jovens da comunidade, agora trabalhando em conjunto com o grupo de Terra Nova, fizeram, então, a campanha em toda a região.

Para a instalação das farmácias comunitárias, os habitantes realizaram uma pequena feira com inhame, abacaxi, batata-doce, milho, feijão-de-corda e coco, principalmente. Junto aos alunos do Programa de Alfabetização Funcional ficou estabelecido que cada um traria um cruzeiro e que, por sua vez, os alfabetizadores doariam Cr\$5,00. Os remédios foram, então, adquiridos junto aos extencionistas da EMATER — Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, que se comprometeram a renová-los, à medida em que fossem sendo utilizados.

JORNAIS RECEBIDOS

O PRAIEIRO

Posto Cultural do MOBRL de Itapema — SC
Ano I — N.ºs 2 e 3 — Novembro/Dezembro/80
Responsável: Maria Valdete Bernardes

O MOBRALENSE ALEGRE

Ano II — N.ºs 3 e 4 — Novembro/Dezembro/80
Campo Alegre — SC

INFORMATIVO SEARENSE

Responsável: Comissão Municipal do MOBRL — Seara — SC
Ano II — N.º 15 — Novembro/80

LOURENCIANO

Ano I — n.º 3 — dezembro/janeiro — 1980 — 1981
São Lourenço d'Oeste — SC
Responsável: Lídia Nolio

INFORMATIVO DO POSTO CULTURAL

novembro/dezembro n.ºs 19 e 20 — ano 02
Ponte Serrada — SC
Responsável: Zenaide P. Rodrigues (ECULT)

INCOMUM

Informativo da Comissão Municipal do MOBRL
Xanxerê — SC
novembro/80 — n.º 2
Responsabilidade e elaboração: Zélia Testa e Maria Helena Pissetti

MOBRAL NA COMUNIDADE

n.º 4 — janeiro/1981
Posto Comunitário de S. João do Paraíso — MG
Redator: José Gonçalves Filho (ENSUG)

FOLHA COMUNITÁRIA

Ano: 1980 n.º 003 mês: novembro/dezembro
Região 05 — Paraná

MOBRALENDO

Ano III — n.º 07 — dezembro 1980 — Paraná

LATITUDE ZERO — COTER AMAPÁ

Ano I — n.º 03 — mês 11/12 (1980)
Redatores: Eulálio Modesto de O. Filho
Pedro de Paula Rodrigues

coluna do leitor

"Além de ser um alfabetizador sou lavrador e vivo daquilo que a terra produz para satisfazer as minhas necessidades físicas — pois a produção da terra é a bênção de Deus — com o nosso trabalho quem nos dá é o sol, a chuva, orvalho, etc".

GALDINO P. DE BULHÕES
Iguai — BA

"Foi com muito entusiasmo e grande satisfação que recebi o Jornal Ação Comum.

Quero parabenizá-los pelo excelente trabalho desenvolvido e, agradecê-los por terem me enviado este maravilhoso jornal".

ROSINEI ESTEVES
Parapuã — SP

"Prezado Senhor: Recebi hoje um exemplar do ref. jornal, o qual achei excelente. Ótimo mesmo!"

MAURO BATTAGIM
Ouro Fino — MG

"Recebi do MOBRL este jornal. O mesmo trouxe diversas notícias que deveríamos saber (...) e o povo desperta e fica mais ativo.

O MOBRL é uma escola rica, uma escola boa, tem bastante novidade, tem tudo que o povo deve saber e aprender e se interessar, porque o povo das zonas rurais não tem oportunidade.

Aqui nesta fazenda tem muita gente que agradece o MOBRL, eles cursam o MOBRL e desenvolveram(...)
MARLUCE PEREIRA DOS ANGELOS
Fazenda Carnaúba — PE

"Meu nome e endereço para intercâmbio:

MAURÍCIO PEREIRA CONDE
Rua do Giriquiti n.º 48 Boa Vista —
— Recife — PE — CEP 50.000

MARIA DE LOURDES REIS, de Fortaleza — CE,
Enviou ao Ação Comum um poema de sua autoria, intitulado Voz do Vento:

*Que bela a voz do vento!
Por onde passa, varre
com sopro virginal
Todas as impurezas
na atmosfera
Vem das altas regiões nevadas,
se espalhando sobre
terras baixas um pouco
da sua pureza glacial
Que fui? Que serei? Não sei,
nem me importa, basta-me
a impressão do que ouço,
do que sinto e de que sou
um pássaro sem destino e
que o tempo perdeu para mim
a sua significação
E agora sinto o sopro
manso do vento ecoando
no espaço*

Vila do Sapo mudou até o nome

A localidade de Vila do Sapo, no município paranaense de Jussara, conseguiu envolver todos os seus moradores num trabalho verdadeiramente comunitário.

Inicialmente arredios aos apelos do grupo de 40 elementos que lideravam as atividades de cunho comunitário desenvolvidas no local, hoje todos participam. E são em sua maioria bóias-frias, que saem de casa ao amanhecer e só voltam tarde da noite.

A exibição de slides sobre saúde, higiene e alimentação nas primeiras reuniões com os moradores descontraíu o grupo que passou a receber cada vez mais participantes.

Por falta de um local adequado, a primeira reunião se fez em casa de Sr. Durval, um dos habitantes de Vila do Sapo. Evidentemente a primeira idéia do grupo foi construir um salão comunitário.

Representantes de algumas entidades que atuam no município compareceram a uma das



Sr. Durval, líder na Vila João de Deus, é membro do grupo de teatro e integrante do conjunto musical.

reuniões, desejosos também de colaborar. Merecem destaque a Igreja Católica, que doou o ter-



A horta comunitária é cultivada pelas crianças da Vila João de Deus.

reno, e mais: o Posto de Saúde, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Prefeitura Municipal, a Câmara dos Vereadores e a APMI (Associação de Proteção à Maternidade e à Infância).

O material para a construção foi comprado com o dinheiro arrecadado através de uma quermesse, prestigiada por toda a comunidade.

Ressalte-se que, através de mutirão, todas as pessoas do

bairro participaram da construção do salão que está em franca atividade. Todas as reuniões da comunidade se realizam ali, inclusive os cultos dominicais. Cursos diversos também, como o de alfabetização funcional, educação integrada e educação comunitária para o trabalho.

Palestras sobre alimentação, saúde e higiene são assistidas por grande número de pessoas.

continua na pág. 10

Soares Moreno volta ao Ceará

De repente, numa ensolarada e quente manhã de janeiro de 1981, uma volta ao tempo. Às margens do rio Ceará e frente à praia imensa, nobres e soldados desembarcam e caminham pelas dunas de areia branca. Dão os primeiros e cautelosos passos pela terra desconhecida, empunhando os estandartes do império português. Ante os olhares espantados dos índios que espreitam à distância, escolhem um sítio, erguem uma cruz tosca e, em nome de El-Rei, cravam no chão a bandeira de Portugal, tomando posse definitiva da terra. Segue-se uma dança indígena e um caso de amor: Martim Soares Moreno, o valente e ousado guerreiro branco, encontra e conhece Iracema, a virgem dos lábios de mel, por quem se apaixona perdidamente e com quem, mais tarde, tem um filho.

Mescladas realidade e ficção, através da história e do romance de José de Alencar — "Iracema" — a representação termina com a formação de quadros vivos e estáticos, baseados nas figuras em cerâmica de Mestre Vitalino, onde mesmo o migrante continua sempre com os pés presos à terra natal.



Antônio Carlos Gerber, responsável maior pela representação de "Soares Moreno".

Grças ao talento e à habilidade de Antônio Carlos Gerber, um igualmente curtido homem de teatro e dança, e que dirigiu o espetáculo, esse pedaço inicial da história do Ceará foi revivido nos mínimos detalhes possíveis, após mais de trezentos anos e como resultado de um extraordinário trabalho de mobilização e motivação, não só de grupos teatrais e de dança, como de toda a população de Fortaleza e arredores.

O local e a história

Barra do Ceará fica localizada num subúrbio de Fortaleza, a 10 quilômetros do centro da Cidade, na foz do rio Ceará. É um recanto histórico de grande importância para todo o Estado, cujo marco inicial do seu povoamento aconteceu em 1604. Foi nesse ano que a expedição Ibiapaba, de Pero Coelho, voltava fracassada e levantava no local um fortim de taipa, que recebeu o nome de São Tiago, e que foi abandonado um ano

depois. Quatro anos após, no mesmo local, o Padre Luís Figueira funda a aldeia de São Lourenço, reunindo pequenas malocas dispersas pelas redondezas, não sendo o empreendimento, no entanto, bem sucedido.

Finalmente, a 20 de janeiro de 1612, Martim Soares Moreno volta ao Ceará, onde havia estado com 17 anos apenas, em 1603, como simples soldado da pequena expedição colonizadora de Pero Coelho. Segundo a História, naquela época havia se dado tão bem com os índios, que havia aprendido a sua língua e igualmente andava despido, com o corpo tingido de jenipapo, atirando bem de arco e flecha.



Mais de trezentos anos depois, Soares Moreno desembarca no Ceará...

Dessa maneira, nove anos depois o jovem soldado regressa, agora como tenente, com disposição para realizar e efetivar a conquista. Já é amigo do Cacique Jacaúna e, acompanhado do Padre Baltasar João Correia e de seis soldados, edifica uma paliçada, dentro da qual erige uma ermida, sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo. Ao forte, batiza de São Sebastião, armando-o com duas peças de pequeno calibre e uma guarnição de dezesseis soldados e um sargento.



...e toma posse da terra, em nome de Portugal.

Obrigado a ausentar-se para combater os franceses no Maranhão, volta ao Ceará em 1615. No ano seguinte, quando conduzia al-



Débora Silva Couto e Jorio Nerthal reviveram "Iracema" e "Soares Moreno".

guns navios para a Europa, é aprisionado por corsários franceses e levado a ferros para a França, onde é condenado à morte, sendo salvo graças aos esforços do Embaixador de Portugal, o Duque de Montelon.

Em 1619, pela Carta Régia de 26 de maio, é concedida a Martim Soares Moreno a patente de capitão e, em seguida, o governo da Capitania do Ceará, por dez anos. Entretanto, somente em 1621 ele pode voltar. Encontra arruinado o forte. Remodela-o e inicia a criação de gado e a plantação de cana-de-açúcar.

Benquistado pelos indígenas, Soares Moreno esteve no Ceará até 1631, quando foi substituído pelo sobrinho, Domingos da Veiga. José de Alencar imortalizou-o através da figura do "Guerreiro Branco", que se apaixona por Iracema, "A virgem dos lábios de mel".



Final da representação: Soares Moreno beija o filho e retorna a Portugal.

Preparação e evento

Tal como aconteceu com a reconstituição da Primeira Missa no Brasil, toda a comunidade de Fortaleza e arredores foi mobilizada e motivada. Enquanto a Coordenação Estadual rea-

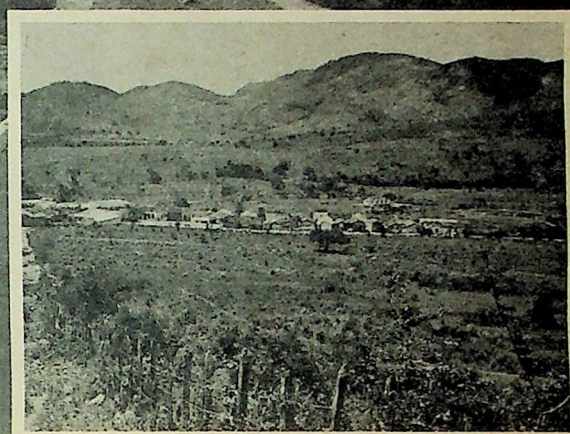


Reuniões motivaram toda a comunidade para a realização do evento.

lizava, já há vários meses, todos os trabalhos de base, estabelecendo contatos com autoridades, escolas, clubes de serviço e grupos diversos, técnicos do MOBREAL Central deslocavam-se para a capital cearense, para apoiar esse trabalho. Sob o comando da Coordenadora Lyrissa Porto de Araújo, equipes da GEPAC — Gerência de Programas de Ação Comunitária e CECUT — Centro Cultural, passaram a manter contatos diários, notadamente com as comunidades dos arredores do local do evento, mais diretamente envolvidas. O trabalho motivou e arregimentou um número sem conta de pessoas, entusiasmadas não só pela reconstituição histórica como, também, pela participação ativa nos aconte-

Anguera se apresenta

Na Bahia, a duas horas de Salvador — a Capital do Estado encontramos Anguera, com sua pequena população de cerca de 7.000 habitantes, sendo 3.000 na zona urbana e 4.000 na zona rural



A cidade de Anguera, que até há pouco tempo era conhecida como Almas, possui as mesmas características das pequenas cidades do interior. Os dias muito quentes fazem com que as noites do município sejam cobertas por um céu estrelado, onde reina um clima de poesia. Uma pequena praça, com a Igreja Matriz de um lado e a Prefeitura do outro. Nas poucas ruas de paralelepípedos espalha-se um pequeno comércio, onde, principalmente aos sábados, dias de feira, pode-se encontrar os amigos, os compadres e até mesmo a futura namorada.

As casas são, em sua maioria, antigas e, em todas elas, a acolhida ao visitante é feita com o maior carinho e entusiasmo. Mais sorte ainda terá esse visitante se chegar na época das festas, em setembro, em homenagem a Cosme e Damião, quando é servido o famoso caruru. É dia de não faltar comida. E todos são servidos.

Os vizinhos, como tradição, levam presentes para a família que está oferecendo o caruru, e esses presentes são leiloados, com o resultado revertendo para o dono da casa. E não existe convidado especial. Quem chega, pega o prato e se serve. É uma festa de muita cantoria, de muita conversa e dança, coisas próprias do povo baiano, que já tem um gingado todo dele, e que procura fazer do riso a música de sua vida.

Para começar

Em Anguera, a implantação do Programa Diversificado de Ação Comunitária — PRODAC — teve o seu início em setembro de 1980. E esse começo foi junto à

ACISO — Ação Cívico Social do Exército — desenvolvida no Município.

Organizadas as primeiras reuniões, ainda em Salvador, quando foram planejadas as atividades de cada uma das entidades que iriam se envolver: Projeto Rondon, EMATER — Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural e Centro Social Urbano, resolveu-se que o MOBRAL "abriria o caminho dos trabalhos", indo com antecedência para Anguera, onde prepararia e planejará tudo o que se referisse à parte social. Resolvido isso, mãos à obra — o trabalho começou.

Em primeiro lugar, era necessário que a população tomasse conhecimento do que iria acontecer no Município. Para isso foram feitas visitas de casa em casa, reuniões de esclarecimentos e avisos por alto-falantes. Faixas foram espalhadas pela cidade e comunicados foram feitos nas escolas, com a finalidade de mobilizar o maior número de pessoas que seriam envolvidas nas atividades posteriores. E o pessoal da cidade ajudava, à medida em que ficava sabendo o que iria acontecer. Dona Odila Carvalho de Araújo, por exemplo, se entregou de corpo e alma nessa ajuda, chamando o povo para as reuniões, explicando a cada um qual o trabalho que estava se iniciando. Ao mesmo tempo, os técnicos do MOBRAL aproveitavam as suas andanças diárias para conhecer a real situação da população, em seus vários aspectos: o econômico, o profissional, habitacional, de saúde, e todos os outros mais, que retratassem a realidade dos que viviam ali.

O resultado disso foi que, embora se tenha descoberto nas pessoas, em meio à

sua grande hospitalidade, uma enorme vontade de superar as dificuldades existentes, realmente ficou evidenciado que os problemas eram muito grandes, com quase toda a população possuindo poucos recursos para enfrentar a batalha do dia a dia. E dentro dessa situação havia, ainda, um outro fator que dificultava as tentativas de solucionar os problemas: as pessoas não tinham o costume de trabalhar em grupo. Cada um tentava, por si mesmo, a solução desses problemas.

Com o passar dos dias, de reunião em reunião, as pessoas foram se encontrando, discutindo, debatendo e propondo algumas soluções. Descobriram que a totalidade dos problemas afetava a quase todos como, por exemplo, o esgoto que escorria pelas ruas, a falta de fossas, moradias precisando de reparos, água salobra e falta de salas de aula. O interessante — descobriram os participantes das reuniões — é que começavam a sentir que a situação agora era bem diferente do velho disse-me-disse a que estavam habituados. Agora já se sentiam mais fortes vendo o começo da organização. E um dos objetivos era exatamente esse — procurar fortalecer a população mais carente de Anguera. E não foi só gente grande que se envolveu: Devalmira Machado Oliveira, apesar dos seus 14 anos apenas, foi uma das pessoas que mais ajudou. De repente, as brincadeiras ficaram de lado e ela resolveu, também, partir para um trabalho sério junto a todos.

As entidades chegaram e trabalharam

Depois de algum tempo, quando os

habitantes de Anguera já tinham pleno conhecimento do trabalho que ia ser realizado, as outras entidades — Projeto Rondon, Emater e Centro Social Urbano chegaram ao Município e começaram a desenvolver as suas atividades.

Um dos pontos imediatamente atacados foi o setor médico, envolvendo, inclusive, a assistência dentária. Os médicos e dentistas do Exército foram auxiliados no atendimento pelos representantes do Projeto Rondon, que procuravam orientar a população no sentido do que fazer para manter os dentes em bom estado e evitar certas doenças.

Os resultados foram excelentes. Praticamente, quase toda a população necessitada foi atendida, quer da área urbana, quer da zona rural, graças ao planejamento realizado antecipadamente, e à maneira pela qual foi organizada a atividade. Esse planejamento e organização permitiram, com antecedência, levantar as necessidades da população e prever uma maneira de atuar. Pessoas da zona rural chegavam a caminhar vários quilômetros em busca de atendimento médico e dentário, regressando mais tranqüilas aos seus lares.

Durante esse período estive no Município o General Moraes Rêgo, Comandante da 6ª Região Militar que, numa reunião com a população, falou da importância da Ação Comunitária. Com uma maneira clara e fácil de se expressar o General conquistou, de imediato, a simpatia dos participantes, que viram nele mais um amigo do que uma autoridade, facilitando, assim, a comunicação. As palavras do General vinham ao encontro de tudo aquilo que já falara o pessoal do MOBRAL, nos dias anteriores, e chegaram à conclusão de que era a mesma coisa: que aquilo era importante e vinha em benefício de toda a comunidade.

Várias foram as palestras realizadas nas escolas e em outros estabelecimentos, pelo pessoal do Centro Social Urbano e EMATER

— Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural, principalmente sobre alimentação: o que plantar, como plantar, e o valor dos alimentos. O resultado imediato foi que, na escola, os alunos resolveram fazer uma horta. Hoje, eles já fazem o transplante das mudas da horta da escola para as hortas iniciadas nas casas, ao mesmo tempo em que as professoras procuram incentivar os alunos a plantar e a comer verduras.

Por fim, ainda mais

Uma das grandes preocupações da população, inclusive a do próprio Prefeito José Wood Mendes Vieira, é o aumento da renda das pessoas mais carentes. Para isso, entre as soluções propostas, houve uma que entusiasmou a todos: a comercialização do artesanato. Naturalmente, algumas dúvidas ainda existiam quanto à maneira de adquirir o material; outra, era onde e para quem venderiam o produto. Assim, muitas reuniões foram feitas para discutir o assunto até que, partindo da própria comunidade, as soluções foram sendo encontradas. Inicialmente, um vereador se prontificou a abrir um crédito numa casa comercial de Feira de Santana, para a compra do material necessário. Depois, no que se refere à colocação do produto, surgiram as alternativas de o mesmo ser vendido na própria Feira de Santana, em Salvador e até mesmo no Rio de Janeiro.

Para que todo o trabalho iniciado — e o que já se pensava planejar — tivesse êxito, era necessário organização e, para isso, foi eleita uma comissão de representantes das ruas da Cidade, sem qualquer preocupação de limitar o número desses representantes, e que passou a chamar-se U.M.A. — União dos Moradores de Anguera. Ficava clara, bem clara mesmo, a vontade de cada um dos participantes de procurar colaborar ao máximo, quando foi feito o planejamento das atividades.

Durante toda essa fase do trabalho, onde o Programa Diversificado de Ação Comunitária conseguiu, junto com o Exército e as demais entidades envolvidas, que a população participasse ativamente do trabalho comunitário, uma coisa ficou certa, e corre de boca em boca pela Cidade: "Sozinho, todo mundo é ninguém. A união de todos pode ser a solução para muitos".

Outras, muitas outras atividades já foram desenvolvidas, tais como noções sobre nutrição, dadas pelas nutricionistas do Projeto Rondon; noções de higiene e saúde, dadas pelas enfermeiras, também do Projeto Rondon; orientação para a prevenção contra a peste bubônica, esquistossomose e o Mal de Chagas, feita através de palestras do representante da SUCAM — Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.

Acontece, porém, que muitos problemas não podem ser resolvidos a curto prazo. Entretanto, o planejamento não foi esquecido, como, por exemplo, a solicitação feita ao Governador do Estado, Antonio Carlos Magalhães, para a construção de uma estrada, a instalação de uma agência do Banco do Estado da Bahia, e para que seja conseguida para o Município de Anguera uma "água boa e tratada" pois, como gente da cidade costuma dizer, "nossa água é de uma salobridade sem par".

A população de Anguera, que por muito tempo esteve esperando pela atuação da Prefeitura, hoje já se reúne, levanta e discute os problemas, procura as soluções e, sempre que possível, parte para a ação. É o PRODAC — Programa Diversificado de Ação Comunitária, não só trazendo esperanças, mas mostrando a certeza de que, unidos, organizados e buscando os mesmos objetivos haverá, com certeza, um viver melhor. E ainda que existam algumas dúvidas, elas mais tarde serão diluídas, como costuma dizer "seu" Crispiano Pereira Santana, que garante: "a gente, unido, consegue ir pra frente!"

Crispiano Pereira Santana: "unido a gente consegue ir pra frente".



O Prefeito de Anguera, Sr. José Wood Mendes Vieira



Dona Odila Carvalho de Araújo praticamente bateu de porta em porta, chamando para as reuniões.



Dealmira Machado Oliveira, apesar dos 14 anos apenas, uma grande ajuda.



Maria da Graça Correa e Ana Rita Viana Reis, também engajadas no movimento.

Soares Moreno...
cont. da página 5



O Governador Virgílio Távora prestigiou todo o evento. Na foto, visitando os stands, em companhia da Coordenadora, Lyrisse Porto de Araújo.

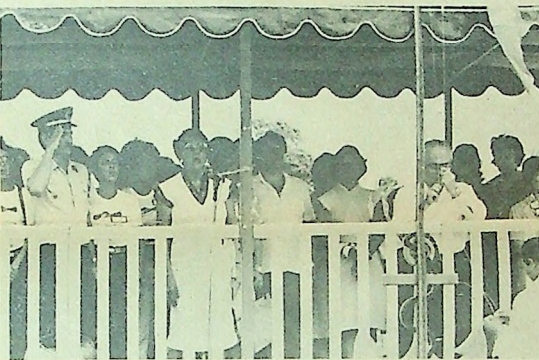
cimentos sociais decorrentes. Grupos comunitários já constituídos organizaram-se em mutirões, visando à limpeza da área a ser utilizada para a representação e, também, visando à maior divulgação possível e consequente participação de todos. Conjuntos folclóricos de canto e dança e artesãos foram chamados e atenderam. Barracas de comida típica e artesanato foram montadas em volta do local, proporcionando um colorido todo especial à festa e com a renda destinada às próprias comunidades envolvidas. Durante quatro dias — de 17 a 20 — sucederam-se espetáculos populares — "Penitentes", "Reisado", "Maneiro-Pau", "Umbanda", "Maracatu", "Cateretê", "Capoeira", "Coco", "Coquinho", "Bumba-Meu-Boi", "Pastoril", violões e escolas de samba, revivendo as tradições do nordeste. Atores amadores do Grupo C.T.C.A.F., de Teatro, ensaiaram exaustivamente a sua parte, enquanto costureiras eram recrutadas e se buscou, nos museus e entre colecionadores, armas e objetos antigos para compor os personagens de nobres e soldados portugueses. Enquanto isso, alunos do SESI — Serviço Social da Indústria, também engajados no acontecimento, ensaiavam números de danças indígenas e, da mesma maneira, compunham os seus trajes com penas e colares de contas; arcos e flechas.



O Prefeito Lúcio Alcântara, de Fortaleza, recebe o convite das mãos de Débora Silva Couto, a "Iracema".



Durante dois dias a Mobralteca apresentou shows e movimentou a festa.



No palanque oficial, o Governador Virgílio Távora hasteia a bandeira e abre a solenidade.

No palanque oficial, no domingo, dia 18, às 10 horas da manhã, o Governador Virgílio Távora, o Prefeito de Fortaleza, comandantes

militares e demais autoridades locais, além de dirigentes do MOBRL Central, do Rio de Janeiro — a Superintendente do Centro Cultural, Maria Luiza Gonçalves Cavalcanti; a Gerente dos Programas de Ação Comunitária, Lilian Barreto; Luiza Maria Cavalcanti de Albuquerque, Chefe do Setor de Ação Cultural e o Gerente de Comunicação Social, Roberto Mario Cunha da Costa apreciaram e aplaudiram o evento.

A reportagem do "AÇÃO COMUM" realizou a cobertura completa, ao mesmo tempo em que uma equipe de cinegrafistas e fotógrafos realizava o registro total, visando à edição de um documentário para cinema e televisão, e de um audiovisual, que deverão ser mostrados em todo o País.



No dia 20, encerrando as festividades, a procissão de São Sebastião.

A realização do Evento Soares Moreno, como foi designado desde o início deveu-se, enfim, ao intenso trabalho de mobilização e aos serviços de base, realizados pela Coordenação Estadual; ao apoio do Governo do Estado do Ceará, da Prefeitura de Fortaleza, da 10ª Região Militar e da Capitania dos Portos mas, principalmente, à participação da comunidade, notadamente da comunidade da Barra do Ceará, que prontamente respondeu ao chamado e, dessa maneira, proporcionou um belo e válido espetáculo, que deverá ser a semente de novas promoções sócio-culturais, frutos de união em torno de um objetivo comum.

Bairro dos Funcionários onde a união faz a força

O bairro dos Funcionários, na cidade mineira de Barbacena, ao contrário do que o nome diz, é habitado, principalmente, por operários. É extremamente carente e desprovido de recursos de toda ordem. Problemas que enfrenta: abastecimento de água, calçamento nas ruas, saneamento de um córrego que circunda todo o bairro, necessidade de uma ponte para atravessá-lo, falta de assistência médica e sanitária, enfim, todos os problemas comuns às localidades pobres.

Viver no bairro era um verdadeiro sacrifício. Um trabalho comunitário de longo alcance se fazia necessário.

Tudo teve início na sala de aula, onde o Alfabetizador, Sr. Salvador de Melo Dias, se apresentava como um autêntico líder.



Cerimônia de entrega da documentação do terreno doado pela prefeitura para a construção do miniposto. Ao centro, a SA Maria Monteiro de Faria.

Com a implantação do Programa de Educação Comunitária para a Saúde — PES em 1978, surgiu para aquele povo uma esperança de melhores dias. A comunidade passou a compreender

que ela própria poderia contribuir para resolver seus problemas. E passou a discuti-los sob a liderança do Sr. Salvador — que se tornou também monitor do PES.

O colégio de freiras, frequen-

tado por alunas de classe média, sensibilizou-se com os problemas do bairro e cedeu uma sala para o funcionamento das classes de alfabetização funcional. Atualmente o colégio está plenamente integrado à comunidade, inclusive com suas freiras atuando como alfabetizadoras do Mobral, participando no grupo comunitário e trabalhando na formação moral e religiosa da população.

Campanha contra o lixo

Numa das reuniões, sugeriu-se convidar um médico para dar esclarecimentos sobre vacinação. Na palestra, ele disse que não adiantava uma campanha de vacinação se a fonte de todos os males estava espalhada pelas ruas e quintais. Ficou estabelecido que...

continua na pág.

Boa Esperança: um modelo de organização comunitária

O município de Boa Esperança, com uma área de 344km², localizado a 300km de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, apresenta uma população, baseada no censo de 1970, de 14.310 habitantes, sendo 11.457 na zona rural e 2.853 na zona urbana.

Segundo os dados do INCRA, a estrutura fundiária do município registrou 602 propriedades, apresentando uma predominância de médias e pequenas propriedades, variando de 1 a 50 alqueires mineiros, havendo apenas 6 propriedades acima de 100 alqueires.

De 1964 a 1970 ocorreu no município a erradicação dos cafezais e, segundo um relatório da prefeitura, suas únicas fontes de economia eram 18.000 cabeças de gado de corte e a exploração de madeira. As casas comerciais reduziram-se e as pequenas e médias propriedades estavam sendo adquiridas pelos pecuaristas por valores insignificantes.

Encontrando-se num contexto de êxodo rural e de ameaça de extinção, inicia-se, em 1971, no mandato do prefeito Amaro Coire, um trabalho de organização comunitária "a fim de evitar o êxodo rural, o desaparecimento das médias e pequenas propriedades e a destruição total das matas pelos pecuaristas". Mas somente a partir de 1977 é que a experiência de organização comunitária assume sua forma atual e se

articula intimamente com o poder estatal municipal.

O município foi organizado em bases territoriais e comunitárias. Foi criado o Conselho Municipal de Desenvolvimento, composto pelos líderes das comunidades, pelo Prefeito e demais autoridades locais, cuja meta foi congregar esforços no sentido de acelerar o desenvolvimento sócio-econômico e cultural do Município.

E, assim, os resultados foram evidentes: um município que estava à beira da falência passou, de último lugar em termos de arrecadação, no Estado, para o 21º lugar em um total de 53 municípios existentes no Estado do Espírito Santo. O fluxo migratório estancou, a produção aumentou, escolas foram criadas, a eletrificação rural foi levada aos povoados, foram construídos 300km de estradas, foi ampliado o serviço de atendimento médico e social da população. A economia local prosperou.

A experiência de Boa Esperança constitui um exemplo notável em termos de eficiência e de capacidade de mobilização dos recursos a partir da própria comunidade, embora sofrendo as mesmas limitações orçamentárias de outros municípios.

Mostra-nos como é possível atingir o desenvolvimento com a participação plena de todos os níveis da sociedade, assim como nos sugere um caminho para a solução dos problemas da migração e da marginalidade.

Cabeça-de-Boi um povoado dinâmico

Os moradores do povoado Cabeça-de-Boi, no município de Estância, Sergipe, foram mobilizados para trabalhar em melhorias para aquela localidade.

Inicialmente, 30 pessoas participaram de um curso, orientado pelo Programa de Educação Comunitária para o Trabalho, que lhes permitiu construir tanques, ali chamados de lavanderias.

Problemas de saúde e higiene foram apontados pelo grupo que, após a construção de oito lavanderias, decidiu fazê-las também nas residências.

Através de bailes, leilões, rifas e doações o grupo arrecada o material a ser usado nas construções.

O entusiasmo do grupo levou o Prefeito de Estância a doar uma área de 12m X 35m, onde será erguido um Centro Comunitário, com recursos financeiros vindos do FADAC (Fundo de Apoio à Ação Comunitária).

O grupo de Cabeça-de-Boi entrosou-se com o do povoado de Vertente e, assim, através da troca de experiências, encontram-se ambos empenhados na construção de tanques e de fossas.

A união entre os elementos do grupo é sua grande força; a busca de soluções para os problemas prioritários e a criatividade de que se valem vêm abrindo novas perspectivas de trabalho para todos.

O grupo é coordenado por Josefa Claudete, auxiliada por Maria Silveira Bispo e Maria Genilde.

Não-me-Toque em plena atividade

O Posto Comunitário de Não-me-Toque (RS) mereceu destaque no Jornal local - O REGIONAL.

Funcionando no Centro Social Comunitário da Vila Industrial, sob a coordenação da professora Vera Chaves, o Posto vem oferecendo à comunidade inúmeras opções de recreação e lazer, além de cursos de iniciação ao trabalho, tais como datilografia, conservação do solo, horticultura e corte e costura.

Aproximadamente 300 pessoas foram beneficiadas com esses cursos no último ano. E a professora Vera está muito satisfeita com a colaboração que vem recebendo da comunidade, não só com relação aos cursos mas a todas as atividades de cunho comunitário desenvolvidas a partir do Posto Comunitário local.

Poxica dá o primeiro passo

A vida no povoado de Poxica, a nove quilômetros da sede do Município de Itabaianinha, no Estado de Sergipe, não difere da de outros povoados isolados e carentes. Sua economia constitui-se, basicamente, do cultivo de mandioca. Há também quatro olarias e artesanato de barro, feito por mulheres e crianças.

Apesar de dispor de luz elétrica, algumas de suas casas não a possuem. O rádio é o principal veículo de comunicação, embora haja alguns aparelhos de televisão.

Somente em outubro de 1979 é que os problemas do povoado passaram a ser debatidos com regularidade pela população.

Em virtude da grande religiosidade da comunidade, foi considerada como prioritária a construção de uma igreja, pois não havia nenhuma. Além disso, sua construção iria integrar mais a comunidade nos debates de outros problemas, como: água potável, farmácia, posto de saúde e cemitério.

O terreno, doado pelo Sr. José Onofre de Oliveira, mede 14 metros de largura e 27 metros de comprimento. O material de construção foi adquirido através de rifas, leilões ou por doação. O PETRA (Programa de Educação Comunitária para o Trabalho) realizou um curso de pedreiro para dar conhe-

cimentos específicos àqueles que desconheciam os princípios básicos de construção e que iriam ajudar nas obras, através de mutirão.

Com a passagem da Mobralteca por Poxica, os jovens do grupo comunitário resolveram reativar um grupo de "Reisado". Compraram roupas fiado, acreditando que após a apresentação, o dinheiro surgiria. O que realmente ocorreu: na apresentação há o "retalhar do boi", quando intimam os expectadores — sobretudo aqueles que têm melhores condições — a pagar por partes imaginárias do boi.

O conjunto de músico sertaneja, que participou do Encontro Estadual de Conjuntos Regionais Sertanejos, vem se apresentando junto com o grupo de reisado a fim de angariar fundos para a conclusão das obras.

A comunidade está totalmente motivada não só para esta atividade mas, também, para a construção de um posto médico. Esse espírito de solidariedade de todos para o bem comum está repercutindo nas comunidades vizinhas.

É o primeiro passo de uma longa caminhada que Poxica dá em direção à concretização dos anseios de seus moradores. Um exemplo a ser seguido.

Bairro dos Funcionários, onde a união faz a força.

continuação da pág. 8

cido que o lixo seria depositado em local determinado para que o caminhão da limpeza o recolhesse, já que as ruas do bairro não tinham condições de tráfego. Foi feita uma campanha visando esclarecer a comunidade sobre a importância da limpeza dos quintais e ruas.

O córrego

Resolvido o problema do lixo, partiu-se para a tarefa mais difícil: a limpeza e alargamento do córrego de águas poluídas, cheio de detritos. Contudo, foi um trabalho coroadado de êxito, graças à conscientização e ao esforço de todos. Primeiro, foi realizada a limpeza e depois o alargamento para que houvesse melhor escoamento das águas nos dias de chuva.

Hoje, as águas correm mais livremente e não existem mais inundações de ruas e quintais na época das chuvas.

Campanha de vacinação

Houve intensa mobilização através das emissoras de rádio locais, fixação de cartazes e faixas em pontos estratégicos, solicitando que cada um transmitisse a notícia a seus vizinhos. Realizou-se, ainda, uma palestra com o médico do Centro Regional de Saúde, que ressaltou a importância da medida. Assim, em um fim de semana foi feita a vacinação contra a varíola em quase todos os 1974 habitantes do bairro.

Por ocasião da Campanha Nacional contra a Poliomielite, foram feitas palestras pelos integrantes do Projeto Rondon e, posteriormente, realizada a vacinação.

A constatação da verminose

Aproveitando a presença médica no bairro, os moradores foram

orientados sobre a necessidade de se combater a verminose, através de exames e medicação específica. Foi determinado que uma vez por semana a sala de aula seria reservada apenas para o recebimento de material. Dois elementos do grupo ficariam à disposição dos interessados, além de três alunos da Faculdade de Medicina de Barbacena, integrantes do Projeto Rondon. Recebiam o material, rotulavam e encaminhavam ao laboratório.

Como não poderia deixar de acontecer, verificou-se que muitos adultos e crianças estavam atacados de verminose. A Faculdade de Medicina de Barbacena doou parte dos medicamentos destinados ao combate à doença e enviou alunos para orientar os interessados quanto à forma de aplicação. Também o Centro Regional de Saúde e o Pronto Socorro fizeram doação de medicamentos.

A grande maioria dos moradores foi beneficiada pela campanha.

Calçamento de ruas

Como muitos dos moradores tinham que dar longas caminhadas para depositar o lixo nos locais determinados, o grupo resolveu reivindicar o alargamento de algumas ruas, visando melhor acesso ao bairro. Conseguiu-se, com a ajuda da Prefeitura e com o trabalho em mutirão dos moradores, o alargamento das ruas desejadas, o calçamento de algumas e o cascalhamento de outras.

Hoje o bairro está melhor servido de transporte coletivo e o caminhão de lixo faz a coleta no centro da localidade e em maior número de vezes por semana.

Abastecimento de água

Foi organizada uma comissão que apresentou ao Prefeito o



Bênção do terreno onde será construído o miniposto de saúde que atenderá o Bairro dos Funcionários e Vila Nova.

problema e a forma de solução: construção de uma caixa d'água com canalização para todo o bairro.

A Prefeitura doou o encanamento e o material de construção. A mão-de-obra ficou a cargo dos moradores. Resolveu-se, desta forma, um problema que flagelava há muito tempo a comunidade.

Acesso ao bairro

Animado com o sucesso de suas realizações, o grupo partiu para mais um projeto ambicioso: a construção de duas pontes em locais estratégicos de acesso ao bairro.

Já foram iniciados os entendimentos com um engenheiro, que forneceu as plantas e com o mestre-de-obras da Prefeitura que se prontificou a dar a assistência necessária. A Prefeitura doará o material de construção, enquanto a comunidade entrará com a mão-de-obra.

Reflexo do trabalho comunitário

Vila Nova, vizinha do bairro dos Funcionários, é uma favela onde as condições de vida são as piores possíveis. Animados com

as melhorias que surgiram naquele bairro, seus moradores sentiram-se motivados para fazer o mesmo: unir-se para trabalhar em prol do bem comum. Procuraram a Supervisora de Área do Mobral, Maria Monteiro de Faria, e pediram que fossem estendidos a eles os trabalhos desenvolvidos no bairro dos Funcionários.

Um levantamento foi feito com o objetivo de constatar as necessidades mais urgentes de Vila Nova para o início do trabalho de ação comunitária. Como o bairro dos Funcionários e o de Vila Nova necessitam de atendimento médico e farmacêutico, será construído um Miniposto de Saúde que atenderá a ambos. O terreno já foi doado pela Prefeitura e as providências quanto à mão-de-obra e material de construção já foram tomadas.

Hoje, a comunidade do bairro dos Funcionários está consciente daquilo que deseja e conhece suas potencialidades. Sabe que caminho trilhar; sabe a força que possui e o melhor meio de empregá-la para o bem comum, numa demonstração de que o trabalho comunitário é capaz de nos conduzir a realizações que, individualmente, seriam impossíveis.

Vila do Sapo mudou até de nome

cont. da pág. 4

O grupo social da agora chamada Vila João de Deus, em homenagem à visita do Papa ao Brasil, é hoje dos mais atuantes. Promoções as mais variadas são por ele coordenadas: da limpeza de ruas, quintais e casas ao Show de cantores locais; da restauração de casas à formação de grupos de teatro e de música; do encaminhamento de pessoas para obtenção de documentos à arborização da vila com as 500 mudas de flamboyant doadas pela Prefeitura.



O salão comunitário no dia de sua inauguração presidida pelo bispo D. Elizeu Simões Mendes.



Grande público foi ver o show de calouros.

Temos que encontrar uma saída

Foi este o lema adotado pelas 35 famílias que habitam o Sítio Vaca Morta, localizado a 17km do município de Cedro, no Ceará.

O município possui até um brasão que serve para defini-lo de maneira bela e sucinta.

Nele figuram: uma árvore, o cedro, que lhe dá o nome e é abundante na região; um ramo de algodão, fonte maior de renda no local; e duas estrelas, simbolizando, respectivamente, a sede do município e o seu único distrito.

Por que Vaca Morta? A própria supervisora da área Maria Moreira Peixoto dá a explicação.

"Tinha em nosso município, uma vaca que deu origem aos nomes de vários sítios".

Por ser muito brava, na região onde ela pastava, deu origem ao nome Sítio Vaca Brava. Os vaqueiros da região um dia tentaram pegar a vaca e ela entrou num mato FECHADO; daí originou o nome do Sítio Fechado. Então eles resolveram fazer uma GANGORRA para pegar a vaca e conseguiram. Aí então deu origem ao Sítio GANGORRA. Um dos vaqueiros olhando a vaca exclamou: que vaca BELA e Lisa, de onde ficou o nome de Sítio Belisa. Prosseguiram



Moradores reunidos debatem o problema de abastecimento de água

a viagem e mais à frente resolveram dar-lhe água, mas ao chegar no açude tinham muitas MARRECAS, assombrando-a; daí o nome do Sítio MARRECAS. Bem na frente notaram que uma COBRA a tinha mordido e nesse lugar ficou o nome do Sítio COBRA. Adiante pararam à sombra de um pé de JUÁ e foram descansar. Aí ficou o nome do Sítio JUÁ; conseguiram levá-la até mais a frente onde ela morreu e nesse lugar ficou o nome do Sítio Vaca Morta. O proprietário não permitiu que a vaca ficasse lá para não incomodar os habitantes.



preparam o terreno...

Os vaqueiros arrastaram-na para longe e os URUBUS a devoraram; daí a origem do nome Sítio URUBU".

Mas a comunidade de Sítio Vaca Morta é das mais carentes. E o problema da água verdadeiramente crucial. Durante anos as famílias eram

obrigadas a percorrer enormes distâncias para conseguir água, ainda mais escassa em tempos de seca.

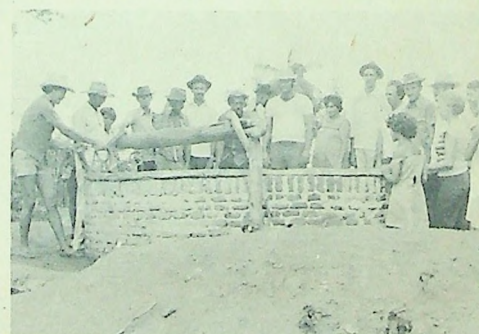


para abertura do poço...

A solução encontrada, após várias reuniões de moradores, foi a escavação de um cacimbão (ou poço de grande porte). O Sr. Eduardo Ferreira, um dos elementos do grupo, doou o terreno, aprovado por todos como o local mais apropriado à construção.

Todos colaboraram. Várias pessoas foram liberadas de outros compromissos para compor as turmas que fariam o cacimbão.

Em menos de vinte dias o buraco estava escavado. Paralelamente, alguns moradores haviam fabricado os tijolos. Afinal, o problema exigia uma solução urgente.



...já em pleno funcionamento.

Todos colaboraram para a compra de cal, necessária para o revestimento de alvenaria. Feita a limpeza do poço, a água veio tão abundante que hoje, não só abastece todas as famílias como possibilita o cultivo de frutas e verduras.

Mais recentemente foi feita a laje para cobrir a cacimbão que tem 20m de profundidade e um diâmetro de 3m.

Ressalte-se que a realização de tão almejado sonho deveu-se à força de vontade da população que contou com o inegável apoio da Comissão Municipal, do Dr. Raimundo Miranda Sampaio e do Prefeito Municipal, Dr. Antonio Brito dos Santos.

Bairro da Palha agora é melhor

O que para muitos está sendo considerado como um ano extremamente difícil, 1981, que acaba de entrar, não vem com essa perspectiva para os moradores do Bairro da Palha, em Seabra, na Bahia, que há muito viviam quase sem as mínimas condições de sobrevivência, faltando até a água, elemento indispensável ao ser humano.

O Bairro da Palha é todo habitado por prostitutas e fica isolado do resto da cidade por uma pequena ponte, que elas não atravessam durante o dia. Os problemas, assim, eram inúmeros e até a água, tirada do Rio Cochó, onde o lixo das ruas centrais era jogado, servia para cozinhar alimentos, banhar-se e matar a sede. Das 48 casas do bairro, apenas cinco tinham fossas. Não existia escola e, tampouco, local para qualquer reunião ou mesmo para a celebração de atos religiosos. As moradoras do Bairro da Palha, por conseguinte, não tinham mais confiança em ninguém, dadas as constantes promessas sem realização.

Através de um trabalho paciente, a Supervisora de Área do MOBIL da região e uma monitora do Programa de Educação Para a Saúde iniciaram a conscientização da comunidade e, após algum tempo, conseguiram o que parecia impossível: uma reunião. Daí em diante tudo foi mais fácil. Angariada a confiança, o trabalho passou a ser realizado com todo o apoio da comunidade, contando, ainda, com o auxílio especial de duas freiras. Na primeira reunião foi feito, pelos próprios participantes, um levantamento das necessidades básicas do grupo. E o resultado foi o esperado: falta de água, de fossas sanitárias, limpeza e calçamento, sendo o trabalho concluído com a seleção das prioridades e a sondagem dos recursos existentes no grupo. Já na segunda reunião era traçado o plano de ação, que foi levado ao conhecimento do Prefeito que se comprometeu, de imediato, a puxar a água e, antes do Natal, a iniciar os trabalhos de instalação dos tubos, o que efetivamente aconteceu. Em seguida, o serviço passou a ser conjunto — Prefeitura e comunidade — na construção de fossas, início da escola e demais benefícios, onde os homens carregavam o barro e as mulheres a água. Dessa maneira, graças à união e ao esforço comum, os moradores do Bairro da Palha tiveram um fim de ano mais alegre, e um início de 1981 com mais esperanças.

Comunidade tem sua loteca

É possível que você nunca tenha ouvido falar na Comuniteca: uma espécie de loteria que reúne provas de atletismo ou qualquer outro tipo de corrida e mais três jogos de futebol que podem ser até mesmo entre casados de tal lugar contra solteiros de outro.

Mas, é em Prudente de Moraes (MG) que a Co-

muniteca acontece, pra valer, recebendo apoio maciço de todos, incentivando o espírito regional e obtendo fundos para alguma promoção social. Em Prudente de Moraes quem mais tem ganho com a Comuniteca é a creche local, para onde tem sido destinada grande parte dos muitos fundos da tal loteca.

Congresso Internacional reconhece MOBRAL

O Mobral recebeu, no dia 25 de janeiro, comenda pela sua participação no V Congresso Internacional de Odontologia, realizado no Pavilhão da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que se estendeu até o dia 29.

O presidente do Mobral, Arlindo Lopes Corrêa, foi representado pelo Dr. Gerson Noronha Filho, gerente do Programa de Educação Comunitária para a Saúde. Foi montado um "stand" expondo vasto material sobre os cuidados que se deve ter com os dentes; houve exibição de audiovisuais "Tratamento da Água" e "Construção de uma Fossa" e apresentação do programa radiofônico "Boa Saúde", além de cartazes sobre as demais atividades desenvolvidas pelo Mobral.

A comenda foi outorgada a personalidades que contribuíram, de alguma forma, na pesquisa ou ajuda ao movimento de prevenção da cárie dentária. Além do presidente do Mobral, foram agraciados o presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, Jessé Montelo, o secretário estadual de saúde, Sílvio Barbosa, o diretor do jornal "O Globo", Roberto Marinho e o professor Kauko Maekinen, da Universidade de Turku, na Finlândia.

O congresso deu destaque ao fato de que a prevenção de cáries é muito barata, ao contrário do que se pensa, bastando, apenas, a mudança de maus hábitos alimentares e a prática das recomendações do dentista: escovar os dentes três vezes ao dia, usar o fio dental e evitar os alimentos açucarados, principalmente entre as refeições. Além disso, destacou a necessidade do uso de alimentos crus — frutas e verduras — para se fazer uma limpeza mecânica, ajudando a remoção da placa dentária e massageando as gengivas; e, ainda, a utilização do flúor na defesa da estrutura do dente, através de bochechos, aplicações tópicas ou sob forma de drágeas.

Integração de entidades em Rondônia



O rei e a rainha da Ação Comunitária devidamente coroados.

Realizou-se no município de Ji-Paraná/Ouro Preto (RO) um Encontro de Ação Comunitária com o objetivo de integrar as entidades que trabalham nessa linha, de total apoio ao homem do campo.

A secretaria de Estado de Agricultura (SEAG) se fez presente através da incansável colaboração do Dr. Francisco Celmo Ferreira Alencar e da Dra. Ana Maria Colaço, que prepararam todo o material de apoio utilizado no Encontro.

O Governador do Território, Cel. Jorge Teixeira de Oliveira, também compareceu, elogiando muito o trabalho integrado entre órgãos e entidades que desenvolvem a ação comunitária.

Técnicos do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e da ASTER (Associação de Assistência Técnica e Extensão Rural do Território

Federal de Rondônia) atuaram efetivamente durante o Encontro. Coube ao INCRA e à CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) fornecer os alojamentos.

Dentre os participantes foram escolhidos o Rei e a Rainha da Ação Comunitária, respectivamente: Dr. Edson Zuza Oliveira, engenheiro agrônomo da ASTER e Maria do Carmo, assistente social que trabalha na Delegacia de Promoção Social do Município de Cacoal.

Também a parte de lazer esteve muito animada. Promoveu-se um torneio de futebol de salão e um torneio de ping-pong. Receberam taças os vencedores Lourival Domingos Lopes e a assistente social Maria de Fátima Ramos.

As taças foram doadas pela Loja Ideal Eletrodomésticos (de Porto Velho), grande colaboradora do MOBRAL.

“O Professor não morre, pois ele constrói corações”

Cursando atualmente o Supletivo de 2º grau, José soube apreender o verdadeiro sentido da palavra “integração” e, graças ao seu espírito humanitário, inteligência e sensibilidade, propôs-se a assumir o papel de professor de educação integrada (equivalente às 4 primeiras séries do 1º grau). Trabalhando como voluntário, sem qualquer remuneração, José abriu as portas de uma classe para oferecer continuidade de estudos não só aos recém-alfabetizados, mas a todos os jovens da cidade que haviam abandonado os estudos e levavam uma vida absolutamente ociosa.

Houve resistências de parte dos jovens, aos primeiros con-

Com estas belas palavras uma aluna do curso profissionalizante de atendente hospitalar saudou seu professor, José Israel dos Santos.

Este é um jovem, autodidata, verdadeiro líder em Ribeirão Vermelho (MG), onde coordena um Grupo de Jovens.

tatos do professor que soube mostrar-lhes, no entanto, que eles eram parte integrante da comunidade e não podiam continuar à margem da mesma.

Um encontro com a diretora de um grupo escolar num bairro periférico — Dona Zizi — e bom entrosamento com a Prefeitura permitiram que fosse usada uma das salas do colégio para o atendimento aos jovens.

José Israel é também artista: compõe canções que são

cantadas pelos alunos e por todo o povo de Ribeirão Vermelho. Assim, ele vai alcançando a verdadeira integração — social, artística e cultural.

Após 4 meses de funcionamento bons resultados já vêm sendo alcançados. Para isso, José Israel precisou, inclusive, visitar as famílias de cada um de seus jovens alunos. Só assim ele poderia vencer as dificuldades, as agressões que vinham deles, etc. E venceu. Hoje os

alunos estão perfeitamente entrosados com ele e entre si.

No início do trabalho até a faxina da sala e dos banheiros era feita por José. Agora, em rodízio, ela está a cargo dos alunos que aprenderam a viver e a conviver. Evoluíram socialmente. Estão cada vez mais unidos, conscientes de seus direitos e de suas responsabilidades.

Para os que conhecem de perto a comunidade de Ribeirão Vermelho, chega a ser comovente sentir a força que soergue um grupo.

Um jovem simples, aparentemente frágil é, na realidade, a mola propulsora de um grande movimento de promoção social.